

Apresentação

Bem vindos ao VII Colóquio *História e Arqueologia da América Indígena!*

O CEMA foi fundado em 2000 por doutorandos do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) e do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (DH/FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Desde então, temos trabalhado ativamente na realização de atividades acadêmicas com o fim de estabelecer e fortalecer os estudos sobre os povos ameríndios da Mesoamérica e dos Andes em universidades brasileiras.

Buscando a efetivação desse objetivo, o CEMA tem realizado uma série de atividades, entre as quais merecem destaque: o *Seminário Permanente de História e Arqueologia da Mesoamérica e Andes*, os grupos de estudo de quéchua e nahuatl, os Simpósios *Livros e Literaturas da América Indígena*, o *Seminário Multidisciplinar: Estudos Andinos no Brasil*, além dos Colóquios *História e Arqueologia da América Indígena*.

No decorrer dos anos, entretanto, graças a uma postura multidisciplinar, o CEMA tem buscado e incentivado o diálogo com pesquisadores que se dedicam ao estudo de outras regiões do continente. Esse perfil multidisciplinar e aberto ao diálogo é evidenciado pela programação do VII Colóquio *História e Arqueologia da América Indígena* que reúne propostas formuladas por historiadores, arqueólogos e antropólogos, que juntos debaterão os mais recentes resultados e perspectivas no estudo das sociedades ameríndias.

Nesta VII edição do Colóquio, contamos com a participação de alunos, pesquisadores e professores de instituições brasileiras e estrangeiras. Esperamos que os três próximos dias representem uma vez mais, esse espaço interdisciplinar de discussão e reflexão sobre os povos ameríndios.

12 de novembro

8h00 – 8h50: RECEPÇÃO E ENTREGA DE MATERIAL

9h00: ABERTURA DO EVENTO

9h15: MESA I – História e Arqueologia andinas

mediador: Eduardo Natalino dos Santos

Palestra de abertura:

Después de la muerte: voces del infierno y del purgatorio en territorio andino

Luis Millones (atoqmillones@yahoo.es)

Universidad Nacional de San Cristóbal de Huamanga / Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Peru

La cristianización de los Andes fue el requisito legal que permitió la conquista de Mesoamérica y los Andes. Su impacto ha sido el tema de preocupación de los estudios desde épocas muy tempranas. Se hizo notorio, entonces, que la presentación de la doctrina enfatizó el castigo que correspondía a las acciones calificadas como pecados, y por tanto, que la visión del Infierno estuviera siempre presente en la mente de los convertidos. Lo que ahora se comienza a descubrir es que percepción de las poblaciones indígenas no reprodujo la idea de pecado, castigo, infierno o demonio como lo proclamaba el dogma divulgado por los sacerdotes españoles. Tampoco se pensó que cualquiera que hubiese sido lo que se predicó en el siglo XVI o XVII, pudiese evolucionar con el tiempo de acuerdo a las circunstancias históricas de cada región andina. La conferencia presentará la percepción de dos sociedades, una en los Andes Sur-Centrales (departamento de Ayacucho) y otra en la costa norte (departamento de Lambayeque). Se desarrollará su proceso histórico y se analizará las visiones contemporáneas del Purgatorio y del Infierno en dichas poblaciones de origen indígena.

Objetos suntuarios, rango y estatus de los habitantes de Pueblo Viejo-Pucará (valle de Lurín)

Grace Alexandrino (grace.alexandrino@pucp.pe)

Krzysztof Makowski

Pontificia Universidad Católica del Perú

Luego de la excavación de aprox. 14,000 m² de arquitectura en Pueblo Viejo-Pucará - un asentamiento de los mitmaqunas incas de Huarochirí en las cercanías de Pachacamac - y del posterior análisis de contextos y hallazgos se ha logrado definir y localizar residencias palaciegas de curacas, residencias de elite y residencias comunes, claramente diferenciadas entre otros criterios, por el número y extensión de ambientes. Se ha podido asimismo sustentar notables diferencias entre estilo de vida entre los residentes de los cuatro barrios y dos palacios. Los objetos de materiales exóticos y/o cuya producción requiere de pericia y de elevado tiempo social invertido suelen ser considerados objetos suntuarios. Al encontrarse en determinados contextos y cuantía, suelen convertirse en el principal indicador de las distancias sociales en la pre- y proto-historia. En la presente ponencia se compara los hallazgos de artefactos considerados suntuarios en las residencias arriba mencionadas. Los resultados indican ciertas diferencias de acceso a esta clase de artefactos entre los habitantes del palacio del curaca principal y las demás residencias. No obstante esta diferenciación no está nada nítida en los demás casos.

La muerte en el Cusco de los incas desde la perspectiva del paisaje sagrado. El caso de Suchuna, Sacsayhuaman

Luis Fernando Bejar Luksic (luisbl26@gmail.com)
Pontificia Universidad Católica del Perú

El presente trabajo ofrece los resultados preliminares de un estudio sobre prácticas funerarias incas practicadas en la capital del imperio, Cusco, durante el siglo XVI d.C. Mediante un enfoque contextual basado en tres líneas de evidencia, como son contextos funerarios excavados, conceptos escatológicos de la muerte de los siglos XVI y XVII y conceptos de paisaje sagrado, se analiza una muestra de estructuras funerarias asociada a rocas labradas, fuentes litúrgicas y templos. Este conjunto de rasgos se emplaza dentro del complejo monumental de Sacsayhuaman, al Noroeste de la ciudad. Finalmente, aunque de manera preliminar, se espera contribuir a la comprensión de la muerte en el Cusco incaico y de su universo enigmático

Cerâmica inca na costa norte peruana: um “exílio” das figuras de poder?

Marcio L. Baúso de Figueiredo (marciofigueiredo@usp.br)
Mestrando em Arqueologia, Universidade de São Paulo

O estudo de coleções cerâmicas andinas atribuídas ao Horizonte Tardio demonstra o declínio da produção cerâmica ritual, não apenas em termos quantitativos, mas especialmente da simbologia religiosa expressa na composição e iconografia dos artefatos cerâmicos vinculados aos cultos e práticas religiosas ancestrais locais, quando comparadas a períodos anteriores nos Andes. Após a expansão Chimú na costa norte percebe-se significativa redução nas representações de figuras e símbolos associados ao poder político/religioso regional. Com a conquista do reino de Chimor pelos incas de Cusco, no século XV, a produção cerâmica local passa a assumir formas e elementos iconográficos de simbologia associada à cosmovisão inca, cujo traço mais significativo é o desaparecimento das figuras de poder. Nossa pesquisa propõe relacionar a mudança nos padrões estilísticos da produção material com o contexto político/religioso desse período, em diálogo com o debate acerca do desenvolvimento regional de longa duração na costa norte. A presente comunicação consiste de uma exposição dos dados que estão em análise em nossa pesquisa de mestrado, em andamento.

11h15 – 11h30: INTERVALO

11h30: MESA II – Iconografia e cosmovisão ameríndia

mediadora: Cristiana Bertazoni Martins

Palestra de Abertura:

Old and in the way: Jaguar transformation in Matsigenka

Glenn H. Shepard (gshepardjr@gmail.com)

Museu Paraense Emílio Goeldi

Human-animal transformation in Amazonian shamanism and cosmology provides a prime example of the fluidity between Western categories such as “nature” and “culture.” Amerindian perspectivism explains animal transformation by reference to a worldview of “multinaturalism,” an inversion of Western notions: society (rather than biology) is the common bedrock of human and animal life while bodies (rather than cultures) are what vary among different social groups, including biological species. Within this slippery world where phylogeny capitulates to ontology, all that is required for a person to become a jaguar is a change in perspective. After working for many years among the Matsigenka of Peru and hearing of numerous cases of human-jaguar transformation, I identified a common theme: the people most likely to turn into jaguars and become a threat to family and village are the old, decrepit and senile. How could old people

be considered a mortal threat associated with the most feared predator of the forest? I found an explanation that depends as much on natural history as it does on cosmology: jaguars, too, become old, weak and toothless, hanging around villages to kill easy prey such as dogs, chickens and even human children. It is precisely these old, decrepit jaguars that old people transform into: healthy jaguars are less of a threat because they maintain a safe distance. Certain dead people are buried with sticky resin (taviri) in their nostrils to avoid this possibility: when the beast finally sheds its human form, it suffocates. While the notion of “cosmological perspective” contributes to this phenomenon, it is equally important to understand this set of beliefs and practices as emerging from a close observation of jaguar life histories, and a metaphorical association between old humans, dependent and weak and a burden on their families, and old jaguars.

História e etnografia das artes das terras altas e baixas da América do Sul: estilos metodológicos e novos desafios interpretativos

Aristóteles Barcelos Neto (barcelosneto@gmail.com)
University of East Anglia, Reino Unido

Nos últimos quinze anos a etnologia indígena das terras baixas da América do Sul voltou-se de maneira vigorosa para o estudo das artes. A maior parte do que foi produzido até agora resulta de diálogos sistemáticos com teorias etnográficas do corpo e da alma. Esses estudos permitiram uma original renovação interpretativa sobre a arte e a cultura material dessa região (vide, por exemplo, o livro editado por Fernando Santos Granero *The Occult Life of Things*, 2009). O estudo das artes indígenas dos Andes teve, por sua vez, uma forte ênfase sobre a história dos objetos de arte, abordagem ainda pouquíssimo explorada para as terras baixas. O objetivo desse paper é discutir as teorias e os estilos metodológicos que configuram o atual conhecimento das artes das terras baixas e altas da América do Sul e os desafios para gerar novas possibilidades interpretativas sobre as mesmas. Como o modo de produção etnográfica na Amazônia e o modo de produção de histórias cosmológicas dos objetos nos Andes podem se inspirar mutuamente? Como fazer aproveitamentos analíticos mais sistemáticos das coleções de museus com vistas à uma história da arte indígena da Amazônia? Como aproximar os estudos das artes visuais andinas aos estudos da dança e da música? Que problemas o boom da produção audiovisual em ambas regiões coloca para a documentação das artes? Como fazer sua curadoria e incorporá-la aos arquivos históricos?

A Iconografia Fragmentada da Coleção AP-MZ-30: Gruta das Caretas

Jéssica Michelle Rosário de Paiva (jdepaiva91@hotmail.com)

Graduanda em Museologia, Universidade Federal do Pará

Carlos Augusto Palheta Barbosa

Museu Paraense Emílio Goeldi

O presente estudo aborda os artefatos arqueológicos da cultura Maracá - provenientes da atual região sudeste do estado do Amapá. Os objetos mais conhecidos dessa cultura são as urnas em cerâmica confeccionadas para suas atividades ritualísticas funerárias, encontradas na superfície de grutas e abrigos, podendo estar relacionadas a fatores sociais e espirituais. Algumas coleções Maracá estão sob a guarda do Museu Paraense Emílio Goeldi e encontram-se acondicionadas na reserva técnica de arqueologia Mário Ferreira Simões. Tal pesquisa buscou realizar a análise iconográfica das urnas funerárias antropomorfas incompletas da coleção oriunda do sítio AP-MZ-30: Gruta das Caretas, a fim de classificar os temas representados – plásticos e pintados, buscando entender como eles estão relacionados aos aspectos sociais da cultura Maracá, além de permitir conhecer de maneira mais ampla essa coleção e os aspectos ligados as representações coletivas e particulares do grupo em questão.

Semiocinética na arqueologia ameríndia: por uma abordagem macrorregional

Marcia Arcuri (marcuri@usp.br)

Pesquisadora no Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo

A semântica visual ameríndia, entendida enquanto estrutura, apresenta eixos temáticos que podem ser observados em diversos artefatos arqueológicos. Dentre estes eixos, destacamos a cosmografia enquanto conceito organizador dos espaços sociopolíticos e rituais. Tais espaços são marcados pela transcendência de fronteiras e materializados na inversão dos ciclos da natureza, tema recorrente na simbologia artefactual e presente nos mais variados contextos e padrões deposicionais. Acreditamos que, embora o registro arqueológico ameríndio siga tradições e referências de caráter estritamente local, ele também se apresenta enquanto estrutura macrorregional. Nesta comunicação serão apresentadas estratégias teórico-metodológicas provenientes da semiocinética para a análise comparativa em arqueologia pré-colombiana e suas contribuições em estudos de multi-escala.

13h30 – 15h30: ALMOÇO

15h30: MESA III – Ameríndios e Cristãos na Nova Espanha e Peru

mediadora: Leila Maria França

Palestra de abertura:

Ideologia cristã e saberes europeus em códices indígenas coloniais

Gláucia Cristiani Montoro (glauciamontoro@uol.com.br)

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Dentre os manuscritos pictográficos produzidos durante o período colonial na Mesoamérica, vários foram compilados por missionários cristãos, interessados em adquirir conhecimentos a respeito das culturas indígenas, especialmente os relativos à religião. Apesar de contribuírem para a transmissão e resgate de parte desses conteúdos, os frades também provocaram sua adaptação às novas circunstâncias. Além disso, diversos assuntos presentes em livros de conteúdo religioso do período pré-hispânico não foram representados nos códices coloniais, pois os interesses dos religiosos cristãos que se ocuparam da compilação de códices ficaram circunscritos a determinados assuntos. Neste trabalho pretendemos refletir sobre essas escolhas e sobre a estrutura de alguns desses códices, pois acreditamos que os temas compilados respondem a determinados interesses, os quais foram motivados por ideologias, ritos e práticas da Igreja Católica e saberes da cultura ocidental.

O culto à bebida: fruição e repressão da embriaguez mexica (nas obras de Sahagún e Durán)

Alexandre C. Varella (alexandre.varella@unila.edu.br)

Universidade Federal da Integração Latino-Americana

Em histórias com participação de indivíduos e juntas indígenas de cidades como Tlatelolco e México pós-conquista, os frades Sahagún e Durán fazem leituras de um bom governo da coisa pública – contra os vícios – nos tempos pré-hispânicos. De outro lado, destacam o pecado da idolatria na bebida, discurso que ataca o erro na crença em deuses da poção do octli (pulque) e que condena a celebração de vícios na bebedeira. Porém, leituras histórico-antropológicas podem apontar que rituais, entidades, coisas sagradas dentro de instituições e hábitos locais ofereciam razões e modos de fruição como de restrição, interdição e repressão da embriaguez. Há indícios nas histórias dos índios de Sahagún e Durán de que as práticas chamadas pelos cronistas de idolátricas ou diabólicas (bem como líderes

chamados de sacerdotes ou sátrapas) representavam, mais que a celebração, o controle da embriaguez no cotidiano mexica antes da vinda dos espanhóis.

Guaman Poma: um tratadista indígena no mundo colonial

Fernando Gomes Mafra (fersmafra@gmail.com)

Mestrando em História, Universidade Federal de São Paulo

A zona de contato resultante da conquista espanhola da América possibilitou um arranjo cultural mestiço único, no qual se tencionaram concepções de mundo, crenças e modos de governar num campo de batalha simbólico. A conversão cristã dos indígenas, ainda que, por um lado, sugira o desaparecimento de alguns de seus traços culturais; por outro, deu-lhes ferramentas para a defesa de seus interesses na colonização. Neste trabalho, pretendemos analisar a figura de Guaman Poma, indígena peruano, como portador de uma cultura mestiça: capacitado retoricamente pela educação cristã que recebeu, conhecendo diversas situações das localidades do Império Espanhol devido sua atividade como tradutor, juntou material suficiente para, de dentro da cultura cristã-europeia, através de um tratado político endereçado ao rei, defender os interesses dos indígenas peruanos contra as injustiças resultantes da administração colonial.

13 de novembro

9h00: MESA IV – Arqueologia da Amazônia

mediador: Eduardo Natalino dos Santos

Palestra de abertura:

Arqueologia Amazônica: novas abordagens e produção recente de conhecimento

Denise Maria Cavalcante Gomes

Departamento de Antropologia, Museu Nacional – UFRJ

Vários avanços têm sido registrados na Arqueologia Amazônica desde a década de 1990. Esta tem documentado grande diversidade de culturas no passado pré-colonial. Os progressos se dão no que se refere à compreensão do meio ambiente e das modificações realizadas pelo homem ao longo do tempo, através do manejo, da domesticação de espécies e da domesticação da própria paisagem – aqui estão incluídas as investigações sobre a terra preta arqueológica, os campos elevados para cultivo, os caminhos, os aterros, as aldeias circulares e outras com estruturas monticulares etc. Estudos sobre os sistemas simbólicos, realizados por meio das análises iconográficas de artefatos líticos e cerâmicos, também exercem importante papel no processo de conhecimento das formas de produção artística e das antigas ideologias locais. São estas as fontes materiais que dão forma e sustentação à discussão de complexidade social, hoje mais matizada do que nos anos 1990 e início de 2000. Pesquisas têm sido feitas em diferentes escalas: locais e regionais. A arqueologia amazônica tornou-se interdisciplinar e deixou de ser apenas descritiva e histórico-cultural, voltada para o reconhecimento de fases e tradições cerâmicas. Há uma busca na explicação e processos culturais, o que possibilita pensar a região em seus próprios termos, fazendo com que alguns estudiosos rejeitem categorias evolutivas tais como os “cacicados” que talvez não sejam adequadas para compreensão de nosso passado pré-colonial. De toda forma vivemos uma época caracterizada pela multivocalidade: há espaço para a diversidade de discursos e interpretações.

O Formativo no Sudoeste Amazônico

Guilherme Mongeló (guilhermemongelo@gmail.com)
Mestrando em Arqueologia, Universidade de São Paulo

Tradicionalmente, entende-se por Formativo o período em que começou-se a gerir o potencial agrícola das sociedades pré-coloniais, de acordo com uma perspectiva funcional-evolucionista, em substituição à antiga denominação de Neolítico, e que tem no aparecimento da cerâmica o maior indicador de transformação tecnológica.

No caso Amazônico, a dicotomia entre grupos forrageiros e agricultores sempre permeou as discussões acerca da antropização do meio ambiente, embora os grandes hiatos cronológicos existentes em diversos contextos das Terras Baixas dificultem a análise destes processos de mudança econômica. O Sudoeste Amazônico, especificamente o estado de Rondônia apresenta um quadro arqueológico bastante complexo e inexplorado acerca destes processos de transformação, com datações que remontam a 8000 A.P., ao qual se espera produzir novos conhecimentos acerca destes processos de mudanças socioeconômicas relacionadas ao Período Formativo.

Em busca de explicações para a variabilidade artefactual da TPA no Médio Solimões

Jaqueline Belletti (jaq.belletti@gmail.com)

Mestranda em Arqueologia, Universidade de São Paulo

Uma das questões atuais da arqueologia da Amazônia é complexificar as interpretações sobre a variabilidade artefactual.

Lathrap e Brochado apontaram o estudo das morfologias como um caminho chave para tal discussão, que permitiria olhar para a variabilidade sem perder de vista a dimensão de continuidade. Lathrap foi pioneiro também em trabalhos etnoarqueológicos na região, evidenciando diferentes fatores que complexificam o estudo do registro arqueológico e da variabilidade artefactual.

Uma análise comparativa das morfologias das Fases da Tradição Policroma da Amazônia (TPA) nas áreas dos rios Solimões e Napo permite evidenciar a validade do estudo da variabilidade artefactual a partir da perspectiva morfológica. Por outro lado, pesquisas etnoarqueológicas têm auxiliado a explicar que fatores levam a manutenção ou diversificação das formas dos vasos.

Assim, propomos explorar alguns estudos etnoarqueológicos na busca hipóteses sobre a continuidade das morfologias da TPA no médio Solimões.

Variabilidade tecno-estilística na cerâmica arqueológica Guarita do médio Solimões

Erêndira Oliveira (ereoliveira@yahoo.com.br)
Mestranda em Arqueologia, Universidade de São Paulo

Esta pesquisa visa a análise comparativa entre aspectos formais, tecnológicos e iconográficos de um conjunto cerâmico proveniente do sítio arqueológico Lauro Sodré, rio Solimões (AM) e objetiva analisar a variabilidade estilística relacionada à morfologia e função, observando técnicas gestuais impressas no material e identificando elementos estruturais de composição e organização dos motivos decorativos. O estudo da variabilidade estilística regional da cerâmica policroma, encontrada do baixo Amazonas ao sopé andino, pode fornecer pistas sobre formas de dispersão relacionadas a processos de interação, troca, fluxo estilístico e emulação entre sociedades pretéritas da Amazônia.

Neste colóquio apresentaremos o material cerâmico proveniente do referido sítio (fase Guarita, 900-1500dC, da Tradição Policroma da Amazônia), sua inserção na cronologia arqueológica da Amazônia pré-colonial e as estratégias teórico-metodológicas adotadas para a análise estilística destes artefatos.

11h00 – 11h15: INTERVALO

11h15: MESA V – Língua e literatura andina

mediador: Eduardo Natalino dos Santos

Palestra de Abertura:

Traducción y colonialismo

Laura León Llerena (laura.leonlllerena@northwestern.edu)
Northwestern University, Estados Unidos

El estudio de documentos coloniales escritos en lenguas indígenas exige una cuidadosa evaluación de la cuestión de la traducción como práctica y también como concepto articulador de las dinámicas en las “zonas de contacto”. A propósito de las recientes reediciones de la primera traducción al español (1966) del Manuscrito de Huarochirí, documento escrito en quechua alrededor del final del siglo dieciséis, propongo en esta presentación visitar los debates que surgieron en torno a esa traducción hecha por el novelista y antropólogo José María Arguedas.

(Des)calificada por algunos críticos como una traducción “literaria” y “poética”, la reconsideración crítica que propongo del intertexto y del contexto del trabajo de Arguedas permite revalorizar esa traducción como una práctica que intenta superar el proceso meramente interlingüístico para convertirse en una intervención estético-política en dos frentes: poniendo en evidencia el proceso de reducción al que fue sometida la lengua quechua en el período colonial y planteando la expansión semántica y sobre todo social de aquella lengua en el Perú del siglo veinte.

A gramaticografia Quéchua no Período colonial (1560-1753)

Roberta Ragi (robertaragi@gmail.com)

Doutoranda em Historiografia Linguística, Universidade de São Paulo

O objetivo deste trabalho é estabelecer, de modo comparativo, as diferentes concepções de língua que sustentam a produção gramatical quéchua, no período colonial, à luz dos distintos projetos político-pedagógicos que a encaminham. São 10 as gramáticas quéchuas elaboradas nesse contexto: Santo Tomás (1560), Anônimo (1586), González Holguin (1607), Alonso de Huerta (1616), Torres Rubio (1619), Olmos (1633), Roxo Mexia y Ocon (1648), Juan de Aguilar (1690), Sancho de Melgar (1691) e Nieto Polo (1753).

No desenvolvimento dessa proposta, serão utilizados os repertórios metodológicos do campo da Historiografia Linguística, notadamente no que dizem respeito à apreensão das continuidades e discontinuidades observadas, no eixo histórico, para os materiais aqui fixados. São três os parâmetros fundamentais de análise em questão: o parâmetro teórico-metodológico, o parâmetro documental, e o parâmetro institucional, dados a partir da reflexão de Swiggers (2005).

Soroche e alguns tabus: Análise de narrativas mitológicas do vale do rio Mantaro

Ana Paula Lino de Jesus (eleutheria_emunah@hotmail.com)

Graduanda em Linguística, Universidade Estadual de Campinas

O objetivo desta comunicação é o de promover a exposição, em nível linguístico-discursivo, de como alguns fenômenos-mágicos e fenômenos-tabus podem ser significados no espaço da narrativa de uma curandeira, considerando também os recursos morfológicos por ela utilizados, e de como certos itens narrados, integrados à cosmovisão andina, podem se manifestar na prática do parentesco e da sexualidade. O estudo tem como

cenário a comunidade de Hualhuas localizada no vale do rio Mantaro nos Andes Centrais peruanos, e como constituintes do corpus de análise dados oriundos de gravações e de anotações de campo realizadas que, procedentes de um semestre de intercâmbio acadêmico regularizado pela Unicamp à Pontificia Universidad Católica del Perú, servem de base à aplicação de um arcabouço teórico. Os efeitos da circulação dos signos no interior da matriz simbólica andina são tratados através de um método comparativista relacionando o momento pré-hispânico ao colonial e ao contemporâneo.

13h00 – 15h30: ALMOÇO

15h30: MESA VI – Entre Etnologia, História, Arqueologia/ Entre Andes, Mesoamérica, Terras Baixas: interdisciplinaridade e interregionalidade nos estudos ameríndios

mediador: Spency Kmitta Pimentel

Palestra de abertura:

Una cuestión de etnia: Historia y actualidad de un tema espinoso

Michel R. Oudijk (michel.robert@servidor.unam.mx)

Universidad Nacional Autónoma de México

Tanto en los libros de historia, como en la vida cotidiana, es muy común referirnos a los pueblos originarios de México como "los zapotecas", "los mixtecos" o "los otomís", pero también con la supuesta autodenominación de los "beniza", los "nudzavui" o los "hñähñú". No obstante, desde el punto de vista histórico, hay varios problemas con la idea de que un grupo o entidad tenga cabida dentro de esas denominaciones de carácter tan general, o incluso dentro de la supuesta autodenominación de esos grupos. Resulta llamativo que en los documentos zapotecos escritos en español, nunca se encuentra el término "zapotecos", ni en los escritos en zapoteco el término "beniza". Sin embargo, en la actualidad ambos términos se utilizan para referir a "los zapotecas".

En esta presentación discutiré los significados de tres términos fundamentales: "binnigulaza", "beniza" y "zapotecas". A través un recorrido histórico del uso de estos términos en la literatura, mostraré cómo han recibido diferentes significados y porqué unos han sido más aceptados que otros. La discusión se contextualizará dentro la existencia de identidades locales coloniales y el proceso de formación de identidades regionales en el siglo XX.

Aporte lingüístico para estudios histórico-antropológicos dos povos guarani falantes a partir dos léxicos de Antonio Ruiz de Montoya

Graciela Chamorro (chamorro_graciela@hotmail.com)

Universidade Federal da Grande Dourados

O Vocabulario e o Tesoro de la lengua guarani do missionário Antonio Ruiz de Montoya são um acervo enciclopédico relativo, sobretudo, aos povos indígenas contatados pelos jesuítas do século XVII no antigo Paraguai. Eles foram escritos para que os missionários catequizassem os indígenas em guarani, mas também para mostrar o caráter civilizável dos indígenas e a compatibilidade de sua língua com o cristianismo, como frisa Wolf Dietrich. Neste sentido, o missionário linguista não se interessou só no que ele próprio queria dizer, mas também no que os indígenas já diziam. Ele queria conhecê-los, torná-los conhecidos, mostrar a complexidade das coisas e das expressões culturais daqueles que eram alvos da sua missão. As coisas e os fatos por ele registrados falam dos usos e das relações de uma comunidade linguística. Como afirma Aryon Dall’Igna Rodrigues, fontes como essas se tornaram a única porta de acesso ao conhecimento pleno da visão de mundo desses indígenas. Sobre o uso dessas fontes na História Indígena, versará minha contribuição.

Paititi indígena. La historia del otro lado del espejo

Isabelle Combes (kunhati@gmail.com)

Instituto Francés de Estudios Andinos / Universidade Federal da Grande Dourados

La búsqueda del Dorado, Paititi y demás “visiones del Paraíso” (Holanda) pudo ser vista como el principal motor de la exploración, conquista y posterior colonización de América Latina. Detrás de esta epopeya pueden leerse en filigrana las otras caras, propiamente indígenas, de la Historia. Los nombres de las “tierras ricas” son indígenas, como lo son los guías de los europeos. Los relatos de las expediciones no sólo proporcionan las primeras noticias conocidas sobre los pueblos amerindios, o su primer contacto con los blancos: revelan intereses propios, creencias y movimientos interétnicos que dibujan una región sorprendentemente vasta en plena “efervescencia étnica” (Susnik) en el siglo XVI. Entre tierras altas, alta Amazonía, Mato Grosso y regiones rioplatenses, las fuentes mismas empujan al investigador a la “interregionalidad”, y contribuyen también a cuestionar o afinar las herramientas tradicionales del antropólogo o del historiador. A partir de estas investigaciones en curso, la

ponencia quiere reflexionar sobre el cómo hacer (etno)historia en nuestras regiones.

El cuerpo indígena: entre la historia y la antropología

Laura Romero (lauraromerol@hotmail.com)
Universidad de las Américas, Puebla, México

El estudio de las nociones indígenas sobre el cuerpo y las almas es un escenario ideal para entender tres aspectos fundamentales de la antropología mesoamericana. El primero tiene que ver con la fuerte presencia del canon prehispánico en el estudio de las prácticas nativas contemporáneas. Es decir, al mirar etnográficamente a las poblaciones indígenas, se buscan continuidades con el pasado que legitimen su presencia actual. Este primer punto, nos lleva a plantear un segundo aspecto: el vínculo de la antropología mexicana con el nacionalismo mexicano. Así, en medio de una vorágine integradora, el estudio del indio debía servir de elemento integrador, "desindianizar al indio" para integrarlo al proyecto nacional. Ahí, en ese discurso, el único indio pertinente era el muerto, aquél cuyo pasado glorioso servía para fundar la "nación" mexicana. Tenemos entonces, una antropología que no ha logrado dialogar con el exterior. En esta ponencia lo que se pretende es exponer el tercer aspecto: la actual necesidad de la antropología mexicana de dialogar con entornos etnográficos distantes como la Amazonía.

Sobre história guarani, redes seculares e isolamentos inventados

Spensy Kmitta Pimentel (spensy@gmail.com)
Doutorando em Antropologia, Universidade de São Paulo

A apresentação propõe uma rediscussão da Etnologia e da História dos grupos de língua guarani da área hoje conhecida como Mato Grosso do Sul, à luz de novos estudos que expõem as redes ameríndias ao longo da história da região. A partir desse novo olhar sobre uma série de fatos presentes nas crônicas coloniais – principalmente a partir do diálogo com as obras de Combès e Chamorro, entre outros – e sobre fatos encontrados no trabalho de campo entre os Kaiowa, evidencia-se a ideia de que a dita área não era uma região isolada e erma, de isolamento e refúgio. Numerosos documentos demonstram que estamos diante de uma verdadeira encruzilhada ameríndia, densamente atravessada por linhas que ligavam os Andes, o litoral atlântico e a bacia do Prata.

14 de novembro

9h00: MESA VII – O estudo das origens na Mesoamérica: Estado, parentesco e narrativas históricas

mediadora: Leila Maria França

Palestra de abertura:

Intersticios del parentesco y condiciones para el surgimiento del Estado en el valle de Oaxaca

Marcelo Campagno (mcampagno@gmail.com)

Universidad de Buenos Aires, Argentina

A mediados del I milenio a.C. se produce en el valle de Oaxaca una serie de transformaciones que conducen a la constitución de una sociedad de características estatales. ¿Cómo se produjo semejante proceso de cambio? Partiendo de la premisa que indica que la lógica del parentesco es dominante en las sociedades no-estatales, interesa analizar ciertos ámbitos que se extienden más allá de cada trama de parentesco –que aquí llamaré intersticiales–, los cuales podrían constituir terrenos propicios para la emergencia de prácticas no reguladas por la lógica del parentesco, como las que implica la introducción del monopolio de la coerción. En tal sentido, se considerarán dos grandes escenarios intersticiales:

1) el del proceso de urbanización que da lugar al núcleo de Monte Albán, en los inicios de la fase Monte Albán I, que supone una dinámica de concentración poblacional de diversa procedencia, y por ende la constitución de un escenario social heterogéneo, caracterizado por la interacción entre grupos anteriormente desvinculados.

2) el de los conflictos bélicos que se registran para la misma época en el valle de Oaxaca, bajo la interpretación de que tales guerras pudieron desembocar en la conquista de unas comunidades previamente autónomas por parte de otras, lo que involucraría alguna forma de control permanente de los vencidos por los vencedores.

O surgimento de ancestrais fundadores nos códices Zouche-Nuttall e Selden

Ana Cristina de Vasconcelos Lima (ana.cristina.lima@usp.br)

Graduanda em História, Universidade de São Paulo

Os códices eram manuscritos indígenas confeccionados em papel amate ou peles de veado durante o período pré-hispânico até a época colonial. Sua

confeção esteve vinculada com o sistema político e cosmológico de diversas regiões da Mesoamérica e depois da Nova Espanha. Os códices mixtecos, objetos dessa comunicação, são provenientes da região da Mixteca alta e seu conteúdo e genealogias de seus governantes, representado através de um sistema de escrita pictográfica, estão ligados à história e objetivos das entidades políticas, ou senhorios que os produziram. Alguns problemas nos códices mixtecos já foram abordados de forma significativa, e importantes conclusões sobre seu caráter simbólico já foram apontados por diversos estudiosos dos códices. O surgimento de ancestrais fundadores de linhagens mixtecas foi um tema muito estudado de seu ponto de vista simbólico. O objetivo dessa comunicação é propor a análise de algumas dessas narrativas de surgimento de ancestrais fundadores nos códices Zouche Nuttall e Selden, do ponto de vista histórico, ou seja, apontando suas semelhanças e diferenças, e fazendo referência à seus contextos mais gerais de produção.

Códice Aubin: possibilidades e necessidades

Eduardo Henrique Gorobets Martins (henrique.gorobets@hotmail.com)

Graduando em História, Universidade de São Paulo

Produzido no último quartel do século XVI, o códice Aubin é um manuscrito pouco recorrente nos estudos das fontes nativas do período colonial da Nova Espanha. Há uma série de obras que citam o códice ou o utilizam de maneira comparativa, mas são raros os estudos mais específicos acerca de tão rico documento. Dentre várias possibilidades de estudo comparativo já realizadas, podemos citar os trabalhos de Silvia Garza de Gonzalez (1975) e Patrick Johansson (2007). Com o mesmo viés, realizamos um trabalho de iniciação científica, envolvendo também os códices Boturini e Mendoza, no qual observamos a presença de padrões da escrita pictográfica para os conteúdos da migração e do governo de México-Tenochtitlan. Verificamos que tais padrões estão alicerçados nas representações do sistema calendário mesoamericano e possuem maior contraste no códice Aubin. As conclusões de nosso estudo e a consulta de trabalhos de outros autores (tais como os citados) nos causou, no entanto, uma grande inquietação: a necessidade ainda vigente de estudos mais amplos e exaustivos sobre o códice Aubin.

11h00 – 11h15: INTERVALO

11h15: MESA VIII – Arqueología maia

mediador: Antônio Porro

Palestra de abertura:

Las élites de Boston, Yucatán y la arqueología angloamericana, 1875-1894

Guillermo Palacios (gpalacio@colmex.mx)

Colegio de México, México

Este trabajo se propone hacer una revisión de lo que se ha escrito en torno de las expediciones arqueológicas a la península de Yucatán financiadas por fondos estadounidenses entre mediados de la década de 1875 y 1894. El periodo comprende los años del inicio de la aventura arqueológica de un grupo de bostonianos en Yucatán, y se encierra con la primera “derrota” de la empresa. El trabajo no presenta informaciones nuevas ni levanta hipótesis muy originales, sino que trata de componer, con ayuda de una completa –aunque no exhaustiva– revisión de fuentes primarias y una amplia recuperación de bibliografía especializada. Parte crucial de la investigación es recomponer el proceso desde el punto de vista de la participación de los actores mexicanos involucrados en la aventura arqueológica estadounidense en Yucatán, algo que no se ha hecho ni de lejos con la misma dedicación con la que se ha realizado en la historiografía del país vecino.

El lugar de las imágenes en la interacción política de las ciudades mayas. Una interpretación de las estelas de Copán

Laura Gabriela Sánchez (lausanchez@gmail.com)

Universidad de Buenos Aires, Argentina

En este trabajo nos acercamos al estudio de las imágenes producidas por la realeza maya, analizando el programa iconográfico-monumental de un gobernante de Copán del siglo VII d.C. Reflexionamos aquí sobre la relación entre las dinámicas de poder y la producción de cultura visual. Nos preguntamos sobre la producción, utilización y exposición de las imágenes; pensando tanto en quiénes las producían, como en los momentos y espacios en que lo hacían, para identificar el lugar que ocupaban en las estrategias políticas de los gobernantes y el sentido que tuvieron en su época. Consideramos que la práctica de elaborar imágenes se dirigía fundamentalmente a transformar el espacio multiplicando la presencia del rey, a señalar su lugar como medio central para el contacto con el mundo

sobrenatural, y a reforzar su poder tanto sobre la gente del común, las élites locales y los enviados diplomáticos de otras regiones; en este contexto, sostenemos que las imágenes se convierten en herramientas para la negociación y la interacción políticas, en un escenario dinámico y conflictivo.

A permanência de Teotihuacan entre os Maias: relações inter-regionais através das representações do Período Clássico

Fernando Pesce (fernandopesce@gmail.com)

Graduando em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

As relações inter-regionais entre Teotihuacan e a zona maia remontam ao início do Período Clássico mesoamericano. Entretanto um evento em particular, a chamada Entrada de 378 d.C., transformaria essas relações tornando-as mais profundas e incluiria toda a área central das terras baixas maias na esfera de influências de Teotihuacan. Os efeitos desta presença centro-mexicana seriam ainda percebidos num período muito posterior. A proposta desta comunicação é apresentar os objetivos de uma pesquisa, ainda em andamento, comparando registros iconográficos e textuais maias do Período Clássico onde se observa a presença de símbolos teotihuacanos, com o intuito de examinar quais foram as alterações provocadas por esse intercâmbio cultural, dentro do âmbito específico da iconografia maia, e em que contexto elas se inseriam, bem como introduzir o tema dentro do debate historiográfico mesoamericano.

13h00 – 15h00 – ALMOÇO

15h00: MESA IX – História Indígena das Terras Baixas da América do Sul

mediador: Eduardo Natalino dos Santos

Palestra de abertura:

Os corpos amazoníndios na mira dos cronistas ibéricos (Séculos XVI-XVIII)

Auxiliomar Silva Ugarte (asugarte@bol.com.br)

Universidade Federal do Amazonas

Nos diversos encontros/confrontos dos europeus com os povos indígenas da Amazônia, entre os séculos XVI e XVIII, aqueles não deixaram de notar e anotar alguns elementos particulares destes, que diziam respeito não

apenas aos seus modos de governação ou produção/circulação de bens materiais, mas também aos seus corpos. Essas particularidades corporais, vistas ou “ouvidas”, foram utilizadas pelos adventícios ocidentais em sua compreensão da Alteridade Amazoníndia, ocasionando que esta ora se aproximasse, ora se distanciasse do conceito de Homem, tal qual se se compreendia no Ocidente a partir da herança greco-romana e judaico-cristã. Não é de surpreender, portanto, que o mosaico de povos amazoníndios tenha sido apreendido, inclusive, sob aspectos bem insólitos, como aqueles provenientes da “ciência dos monstros” ou teratologia, que caracterizava o imaginário europeu ocidental dos Tempos Modernos, em cujo devir a Amazônia foi sendo conquistada e colonizada, principalmente por europeus de origem ibérica. Esta comunicação traz à tona as diferentes percepções dos cronistas ibéricos sobre as particularidades corporais de diversos povos da Amazônia, entre os séculos XVI e XVIII.

Conflitos e deslocamentos indígenas no Rio Madeira

Glória Kok (kokmartins@uol.com.br)

Pesquisadora no Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo

O objetivo desta apresentação é reconstituir a ocupação e o processo colonização do Rio Madeira durante o período colonial a partir da história das populações indígenas que viveram às margens desse caminho fluvial. A região foi densamente povoada por vários grupos indígenas, como os Iruri, os Mura, os Torá, os Munduruku, os Parintintin, entre outros. No entanto, em decorrência da progressiva presença dos brancos e das violentas formas de expropriação das terras indígenas, o panorama regional modificou-se radicalmente e foi redefinido com base nos contínuos deslocamentos das populações nativas. Como escreveu Márcio Souza, “os rios tecem a sociedade humana na Amazônia”. Assim, o estudo das populações indígenas do rio Madeira pretende iluminar os mapas etnográficos, as relações interétnicas, os conflitos com os brancos e os intensos movimentos migratórios que ocorreram nessa área geográfica da Amazônia.

De São Paulo, por Santa Catarina até São Pedro. Conflito e cativeiro indígenas nos caminhos do sul (1820-1833)

Almir Antonio de Souza (almirhl@hotmail.com)

Doutorando em História Social, Universidade Federal de Santa Catarina

Paulo Pinheiro Machado (pmachado@mbox1.ufsc.br)

Este estudo visa compreender entre os anos de 1820 e 1833, a história da Fronteira Sul de São Paulo desde a Vila de Itapetininga até a Vila de Lages contada pela análise e compreensão da ocupação e invasão das terras indígenas, junto ao chamado Caminho das Tropas, ou o Caminho do Sul, a estrada que conduzia os rebanhos de animais e de produtos como couro e o charque, dos campos de criação do Brasil meridional até a feira de Sorocaba. Na investigação a pesquisa nas fontes documentais, das freguesias e vilas que faziam parte da São Paulo Provincial, possibilitou dar a dimensão de fato em que existia a escravidão indígena no século em foco, principalmente em sua primeira metade nos caminhos do sul do Brasil, as estratégias, técnicas e táticas utilizadas na guerra entre indígenas e não indígenas, a estrutura social desta sociedade de fronteira e a reconstrução das formas que se utilizavam para a caça aos grupos indígenas e seu consequente cativo.

Gameleiras e mourões: Narrativas histórico-territoriais dos Tupinambá da Serra do Padeiro, Bahia

Daniela Fernandes Alarcon (alarcon.df@gmail.com)
Mestranda em Ciências Sociais, Universidade de Brasília

Esta apresentação debruçar-se-á sobre a disputa envolvendo o território tradicionalmente ocupado pelos Tupinambá da Aldeia Serra do Padeiro, sul da Bahia, considerando as narrativas engendradas contemporaneamente pelos indígenas acerca do processo de expropriação territorial que vêm enfrentando, principalmente, desde o último quartel do século 19, com o avanço da cacauicultura. São recorrentes as alusões a “gameleiras” (árvores que nascem sobre outras e terminam por sufocá-las) e “mourões” (as estacas grossas que sustentam a cerca), para designar, respectivamente, os não-índios que avançaram sobre o território e os antepassados indígenas que desenvolveram variadas estratégias de resistência, garantindo a continuidade do grupo étnico. Narrativas sobre gameleiras, mourões, “encantados” e profecias sobre o “retorno da terra” têm circulado intensamente desde que tiveram início o processo de demarcação da Terra Indígena Tupinambá de Olivença e as “retomadas” de terras realizadas pelos indígenas. Com base em uma incursão etnográfica, com quatro meses de duração, e em pesquisa documental, serão descritas e analisadas algumas dessas narrativas.

Informações

Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos da USP (Laboratório de Ensino e Pesquisa)

Departamento de História – FFLCH/USP
Av. Prof. Lineu Prestes 338, Cidade Universitária – SP
São Paulo – CEP 05508-900

E-mail: cema@usp.br

Site: <http://www.usp.br/cema/>

Comitê Organizador

Cristiana Bertazoni Martins (Associate Research Fellow, Universidade de Londres)

Eduardo Natalino dos Santos (Departamento de História da FFLCH/ USP)

Leila Maria França (Museu de Arqueologia e Etnologia/ USP)

Equipe de Apoio

Ana Cristina de Vasconcelos, Augusto Ventura, Frank Nabeta, Jefferson Ferreira, Larissa Dimov Laurelli, Leonardo Braga e Lucas Ramiro.

Ilustração da capa

Cerâmica Nasca (200 BC - AD 600), Peru - Museu Britânico, Londres.